

VILLAS-BÔAS CORRÊA

A lição da floresta em Salto Morato

A Reserva Natural Salto Morato ocupa uma área de 2.340 hectares incrustados nos 200 mil hectares da Mata Atlântica que sobreviveu milagrosamente a cinco séculos de devastação, espremidos entre o sul de São Paulo e o norte do Paraná.

Só quando se chega lá e lava-se os olhos na visão deslumbrante da cascata que se despenca, a prumo, de 130 metros de queda livre de águas transparentes vazadas pelos raios do sol da manhã de inverno é que se descobre que valeu a pena a viagem, com os seus lances de inocente aventura. Acesso difícil, complicado, que ajuda a explicar a preservação de muitos milhares de alqueires de floresta que resistiu à agressão dos caçaras derrubadores de palmito.

Não é para desanimar ninguém. Apenas para prevenir aos que queiram avaliar as canseiras e as compensações de comprovar uma experiência com seus toques de novidade e conhecer região de fantástica beleza que escapou com poucos arranhões, que estão cicatrizando, da fúria da ocupação predatória.

Partindo de Curitiba, são 100km de excelente estrada até Paranaguá. Ou as alternativas do trem que se equilibra nos estreitos cortes na rocha, escancarando a sucessão de paisagens deslumbrantes. A velha rodovia centenária aberta pelo suor dos escravos que serpenteia em centenas de curvas, dobra o tempo e multiplica o prazer de limpar os olhos com a visão de cenários que se dissolvem no horizonte sem fim.

No Porto de Paranaguá, a indecisão da escolha. Barcas maiores, confortáveis e pachorrentas, podem ser alugadas por grupos, barateando o custo por cabeça. Para quem tem pressa, o jeito é submeter-se à exploração do deparar turista, e embarcar nas canoas de quatro lugares, sem coberta e de toscos bancos sem encosto, para os 40 minutos de travessia da estupenda Baía de Paranaguá, até Guaraqueçaba, aos pinotes, como se o mar tivesse quebra-molas, batizado pelos salpicos d'água e, conforme a onda, o banho que encharca a roupa dos desprevenidos que recusam a capa de plástico, oferta generosa do mestre em achar caminhos. Afinal, de Guaraqueçaba até a Reserva de Salto Morato são 29km de estrada de terra.

Enfim, chegamos e começamos a conhecer a história da Reserva Natural de Salto Morato e de seus ambiciosos projetos. Quem não sonha não vive. A Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, entidade privada, sem fins lucrativos, com o apoio da Fundação Avina, entidade suíça de financiamento de projetos sociais, é a responsável pelo projeto do engenheiro florestal, professor Miguel Milano, da Universidade Federal do Paraná, que a dirige desde o começo, de reflorestamento de áreas devastadas sem intervenção do homem. O seu papel limita-se a deixar que a floresta se recupere lentamente.

A Reserva espalha-se por três fazendas, adquiridas ao custo de US\$ 1,2 milhão de dólares, desde que a Fundação foi criada em 1990. Com investimento total de US\$ 3,9 milhões. Nos campos onde pastavam búfalos, em sete anos rebrotam as plantas nativas que vão tecendo a rede verde da Mata Atlântica.

Em três planos distintos desdobra-se a atividade da Fundação: programas de incentivo à conservação na natureza, áreas naturais protegidas e educação e mobilização.

Com o sucesso consolidado, e o testemunho de 8.000 visitantes, em 1999, lança-se ao plano mais ousado de atrair empresários e executivos que manifestam interesse com a preservação do meio ambiente, a conhecer o projeto e investir em empreendimentos semelhantes. Os primeiros seminários mesclando empresários e jornalistas estimulam a ampliar e diversificar os contatos.

No último fim de semana, cerca de três dezenas de jornalistas foram convidados a conhecer a Reserva Natural de Salto Morato e os planos de expansão para os próximos anos. Caminhando nas trilhas que levam à cascata e seus atalhos esbarra-se com poucos visitantes que se dispersam na área imensa. Os tipos mais variados e suas manias. Como a infinita paciência do grupo de irlandeses, munidos de máquinas fotográficas, binóculos em riste, ouvidos atentos ao som dos pássaros da fantástica diversidade daquele trecho da floresta encantada. Há uma semana, em silêncio, atrás das aves para eles desconhecidas.

Está mudando a vida da população de Vila Morato, comunidade próxima à Reserva. Depois de alguns atritos com os caçaras catadores de palmito, com políticos e até com o Ibama, armou-se o relacionamento pacífico com os moradores da vila com a proposta de nova opção de renda: a utilização das fibras naturais da região, como junco, piri, cipó para a fabricação de cestas de fácil comercialização. A renda familiar saltou de um salário mínimo com a derrubada clandestina de palmitos para R\$ 250 a R\$ 400 com a venda de cestas de variados modelos e cuidadoso acabamento.

Sai-se de Campo Morato com a sensação de ter conhecido um pedaço do Brasil que está dando certo. Nem tudo está perdido.